

O açúcar brasileiro nas mesas do mundo

ERNESTO RODRIGUES/AE



Alimentação de moendas para a produção de açúcar na Usina Andrade/Companhia Energética São José; Ribeirão Preto, SP; 2003

Nos primórdios do seu cultivo, a cana-de-açúcar brasileira era exportada como matéria-prima a ser beneficiada pelos poderosos Estados europeus. Durante séculos, Portugal intermediou a venda da planta, ainda como matéria-prima, para países, como a Holanda, que revendiam o “ouro branco” – como era conhecido – para outras nações, entre elas Portugal e Brasil. Com o tempo, esse panorama foi se alterando e o Brasil se transformou num grande exportador de produtos industrializados derivados da cana, tendo como item principal o açúcar. “Nossa exportação de açúcar absorve 58% da produção nacional; já o álcool tem uma participação menor na balança comercial brasileira, com apenas 8% da produção seguindo para outros países”, afirma Luiz Carlos Corrêa Carvalho, da Usina Alto Alegre.


O Brasil ocupa, atualmente, o posto de principal exportador mundial de açúcar. Eduardo Pereira de Carvalho, da Unica, constata, a partir de dados Secretaria de Comércio Exterior (Secex/MinC) que, em 2002-2003, o país exportou 12,9 milhões de toneladas de açúcar, gerando uma receita de US\$ 2,14 bilhões, “valor que passa para US\$ 2,41 bilhões quando se inclui a exportação de pouco mais de 700 milhões de litros de álcool”. Dados da mesma safra 2002-2003, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América, mostram que o país, com 13.500.000 t (considerando o açúcar não-beneficiado), exporta quase três vezes mais do que toda a União Européia – segunda colocada, com 4.820.000 t – e mais de três vezes a da Austrália – terceira colocada, 4.235.000 t (veja Tabela ao lado). “O consumo de açúcar mundi-

al gira em torno de 149 milhões de toneladas. Desse total, 35 milhões são mercado internacional livre, dos quais o Brasil representa mais de 1/3. Portanto, quem faz o preço do açúcar no mundo é, efetivamente, o Brasil”, destaca Corrêa Carvalho, da Usina Alto Alegre.

A região Centro-Sul é a que mais exporta açúcar, com 10.689.803 t, cerca de 82% do total, com saídas pelo porto de Santos (8.703.710 t) e Paranaguá (1.721.491 t) (Unica, safra 2003-2004). O caminho que o açúcar brasileiro percorre é grande, seguindo para mais de 100 países, em todo o mundo. Nossos principais compradores, entre janeiro e dezembro de 2003 (Unica), foram a Rússia (3.841.524), Emirados Árabes (979.825 t), Nigéria (820.975 t), Canadá (763.550 t) e Senegal (734.839 t). No que diz respeito às exportações de álcool, o mercado internacional é ainda pequeno. “Para uma produção global em torno de 37 bilhões de litros, são negociados no mercado internacional apenas 3 ou 4 bilhões de litros. Enquanto o mercado do açúcar tem 500 anos, o do álcool está se iniciando”, comenta Corrêa Carvalho. Por outro lado, trata-se de “um mercado com grande potencial, porque os países em geral têm produzido políticas públicas voltadas à redução de emissões de dióxido de carbono”.

Apesar de os números apontarem positivamente para as exportações de açúcar e álcool, alguns problemas persistem: “Temos gargalos na logística, oferta interna insuficiente para o transporte rodoviário e pouca estrutura para o transporte ferroviário. Quanto à logística para exportação de álcool, ela teria que ser viabilizada tanto em termos de transporte interno quanto de terminais portuários”, aponta Pereira de Carvalho, da Unica. Além disso, as políticas prote-

cionistas ainda são grandes nos demais países: “Existe uma cortina de proteção nos mercados agrícolas das nações desenvolvidas, sobretudo na União Européia, que impõe ao açúcar brasileiro – com custo de produção, no Centro-Sul, da ordem de US\$ 100 por tonelada – a concorrência do seu açúcar de beterraba, com custo médio de US\$ 680 a tonelada. Isso é possível graças à política de subsídios à produção e à exportação. Nos EUA, por sua vez, sobrevive uma política de cotas que nos reserva míseras 150 mil t anuais, quando temos potencial para disputar fatia maior desse mercado”, explica o presidente da Unica.

Corrêa Carvalho corrobora a avaliação de que o principal empecilho ao crescimento das exportações brasileiras de açúcar é o mecanismo perverso de subsídios e protecionismo praticado pelos países ricos, dificultando “nosso acesso aos mercados” através de “taxações impressionantes”: “Estamos falando da Europa, do Japão e Estados Unidos, países desenvolvidos que têm um grande mercado e que os travam, a não ser por pequenas doses de cotas para ‘enganar bobos’”, ele argumenta. Em sua opinião, seria necessário que o Brasil fosse “ainda mais agressivo no que diz respeito ao acesso a mercados e, para tanto, é fundamental que não haja subordinação dos interesses econômicos aos interesses políticos”. 

MAIORES EXPORTADORES DE AÇÚCAR (EM t)

País	2002–2003
Brasil	13.500.000
União Européia	4.820.000
Austrália	4.235.000
Tailândia	3.800.000
Cuba	2.850.000
Total mundial	42.316.000

Fonte: United States Department of Agriculture

Transgênicas resistem à pior praga dos canaviais



Cana-de-açúcar geneticamente modificada no Laboratório de Genética da USP/ESALQ; Piracicaba, SP; dezembro 1994

Pesquisadores da ESALQ/USP, numa parceria com a Copersucar, desenvolveram recentemente duas variedades transgênicas de cana resistentes à praga mais onerosa aos canaviais do Brasil: a broca-da-cana. Coordenado pelo professor do Departamento de Genética da ESALQ Marcio de Castro Silva Filho, o estudo buscou duas “estratégias” para controle da praga: a primeira foi a introdução, no DNA da cana, de um gene da soja capaz de inibir a atividade das proteases do inseto, comprometendo desse modo o desenvolvimento e a reprodução da broca que se alimenta da planta transgênica; a segunda, mais antiga, utilizou o gene de uma bactéria (*Bacillus thuringiensis*) para fazer com que a cana produzisse uma proteína com atividade inseticida à broca.

Na experiência com o gene da soja, a taxa de mortalidade da praga girou em torno de 30%, mas foi constatado ainda que a taxa de fertilidade da população caiu ainda mais, ao longo das gerações. Na segunda experiência, a cana transgênica torna-se implacável com a broca, que tem uma taxa de mortalidade de cerca de 99%. Segundo o coordenador do projeto, que teve início em 1998, as variedades transgênicas “estão ainda em fase de testes laboratoriais, não havendo previsão para sua comercialização em função da ausência de um marco regulatório legal no país”. O estudo pretende, ainda, juntar ambas as “estratégias” numa só variedade de cana pois, acredita-se, com o passar do tempo, a praga pode acabar desenvolvendo resistência às toxinas. “A idéia é combinar